

CONFUSÃO NO CEMITÉRIO

Autor: José Ribamar

Leitor eu vou lhe contar
O que alguém me contou.
Acredite se quiser
Mas quem me disse afirmou
Que conhecia quem disse
Como tudo começou.

Esse alguém que me falou
O que eu vou lhe falar,
Era um grande amigo meu,
Natural do meu lugar,
Que vendeu tudo que tinha
E foi pro Rio morar.

Fernando, é o nome seu,
Filho da nossa vizinha,
E por ser o mais risonho
Amigo que a gente tinha
A gente ficou chamando
Fernando de Risadinha.

Risadinha me contou
Que no Rio de Janeiro
Conheceu um cidadão
Por alcunha Biriteiro

Que pelo destino tinha
A profissão de coveiro.

Ele disse que, um dia,
Briteiro lhe contou
Que foi sepultar um pobre
Que um carro atropelou,
A polícia chegou lá,
Deixou o corpo e voltou.

Quando o defunto chegou,
Sem parente acompanhando.
Briteiro ainda estava
A sepultura cavando,
Ele cavando, e o corpo
Do indigente esperando.

Ele disse que o corpo
Chegou num pano enrolado
E quando aprontou a cova,
Quase morto de cansado
O único jeito que achou
Foi empurrar o finado.

Falou que tinha tomado
Um dez no bar da prima
E na hora do enterro,
Sem ajuda e auto-estima,
Deixou o morto enterrado

Com o espinhaço pra cima.

Briteiro disse para
Risadinha, amigo meu,
Que exato à meia-noite
O morto lhe apareceu
Lhe pedindo para ir
Desvirar o corpo seu.

O morto ainda lhe disse:
“Eu não dormi sossegado
Com a minha sepultura
Rodeada de finado,
Tudo porque você fez
Meu sepultamento errado.

Rindo e dizendo que eu
Não sou um defunto sério,
Pra me vingar, escondido
Deles e fazer mistério,
Eu troquei todas as cruzes
Das covas do cemitério.

Arranquei a cruz da cova
Dum marginal sem igual,
Depois coloquei no túmulo
De um Juiz Federal
E a do Juiz botei
Na cova do marginal.

Quando o marginal deu fé
Ficou cheio de poder
E na hora que o Juiz
Viu e quis se embravecer
A alma dum delegado
Foi chamada pra prender.

Troquei a cruz dum vigário
Pela cruz de um pastor –
Ambos brigaram mostrando
Pra alma dum pecador
Que morreram sem saber
Nada da palavra “amor”.

Ainda troquei a cruz
Do túmulo de um cartola
Pela cruz da sepultura
Dum pedidor de esmola
Que foi achado sem vida,
Pão e prata na sacola.

Quando o cartola não viu
Sua cruz teve um espanto
Mandou chamar o espírito
Dum famoso pai de santo
Para descobrir quem tinha
Arrancado a cruz do canto.

O pai-de-santo não soube
Dizer que tinha arrancado
O cartola foi depressa
Muito bem amortalhado
Conversar com o espírito
Do Governo do Estado.

Voltou trazendo consigo
Um armado batalhão
De soldado e delegado,
De sargento e capitão
E fizeram na necrópole
A maior revolução.

Botaram fogo nas cruzes
Das almas desempregadas,
Das meretrizes sofridas,
E das moças faveladas
Nem as cruzes das crianças
E freiras foram poupadas.

Cinza de caixão queimado
Se espalhou pelo ar,
Rosário bento quebrado,
Sem prestar pra emendar
E grades de ferro soltas
Por tudo quanto é lugar.

Cruzes de chefão de drogas

E de banqueiro de jogo,
Advogado e político
Poderoso e demagogo.
Se fossem vistas não eram
Submetidas ao fogo.

Nessa confusão a alma
Dum cabra desassombrado
Meteu um braço de cruz
Na nuca dum delegado,
Que ele caiu por cima
Da caveira dum soldado.

Se rebelaram mundana,
Travesti e jogador,
Cego, maneta, pernetta,
Mudo, gari, escritor,
Jornalista, motorista,
Prefeito e vereador.”

Biriteiro, nessa hora,
Pedi pro morto parar
E disse: “Amanhã bem cedo
Eu vou lhe desenterrar
E lhe enterrar direito
Pra revolta se acabar.”

Nesse momento, a visagem
Agradeceu e sumiu.

Briteiro se acalmou,
Deitou na cama e dormiu.
Cedo do dia acordou,
Pro Campo Santo seguiu.

Chegou lá, desenterrou
O cadáver do plebeu,
Que por infelicidade
Atropelado morreu.
Depois do erro desfeito,
Sossego a alma lhe deu.

Eu agora vou fazer
Minha participação.
Eu não sabia que os mortos
Gostavam de confusão.
Se for verdade, somente
No céu existe união.

Sei que há rebeliões
Nos presídios brasileiros,
Colchões são incendiados
Por muitos prisioneiros
Quando desejam mudanças
Nos sistemas carcereiros.

Também sei que entre as classes
Há muita desigualdade
De tudo elas são capazes

Mas pra falar a verdade
Eu não sabia que os mortos
São da mesma qualidade.

Quem achar que é mentira
Toda esta estória minha,
Tente arrancar a verdade
Do amigo Risadinha
Ou encontrar Briteiro
Na Favela da Rocinha.

Contei o que me contaram
Como tudo aconteceu,
Fiquei confuso com tudo
Que disse o amigo meu,
Mas se quem é vivo apronta
Imagine quem morreu.

Eu me pergunto: Será
Que entre os defuntos há
O que há entre nós, vivos,
Atualmente por cá,
Ou todo mundo é igual
Do outro lado de lá? FIM